

## **TRABALHOS DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA: O movimento eugênico português a partir da perspectiva da antropologia histórica (1900-1930)<sup>117</sup>**

**Daniel Florence Giesbrecht**

Investigador Colaborador da Universidade de Coimbra – FLUC/CEIS20

Doutorando em História pela Universidade de Coimbra

profdanielflorence@gmail.com

ORCID: 0000-0003-4142-6860

### **RESUMO**

O presente estudo pretende compartilhar, com a comunidade acadêmica, alguns exemplos de fontes primárias que vêm sendo utilizadas no desenvolvimento de uma tese de doutorado em História Contemporânea, na Universidade de Coimbra, a respeito da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia e suas relações com o incipiente movimento eugênico no início do século XX. Desde o final do século XIX, multiplicaram-se em todo o mundo sociedades, institutos e agremiações que estabeleceram redes de colaborações internacionais em diversos ramos da ciência - na Antropologia não foi diferente. Compreender as ações dessas agências confunde-se com a própria antropologia histórica, e com a importância daqueles que, mesmo não sendo antropólogos em suas formações, contribuíram direta ou indiretamente para sua institucionalização. Seguindo nosso Plano de Trabalho, o foco deste artigo consiste em uma análise de caráter tanto quantitativo como qualitativo do periódico “Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia” (assim designado entre o volume I de 1919 e o volume X de 1945, depois do qual passou a nomear-se por Trabalhos de Antropologia e Etnologia - TAE), entre os anos de 1919-1928. Procurou-se no decorrer dessa investigação estabelecer possíveis relações da eugenia portuguesa com outros países, inclusive com o Brasil, que já em 1918 inaugurava a Sociedade Eugênica de São Paulo, sob a liderança do importante eugenista limeirense Renato Ferraz Kehl, o qual mantinha relações com diversas sociedades científicas internacionais, inclusive em Portugal.

**Palavras-chave:** Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. Eugenia. Antropologia Histórica. Fontes Documentais. História da Ciência.

**ANTHROPOLOGY AND ETHNOLOGY WORKS: the Portuguese eugenic movement through the perspective of historical anthropology (1900-1930)**

### **ABSTRACT**

This paper aims to share with the academic community some examples of primary sources that have been being used in the development of a Doctorate thesis on Contemporary History, in Coimbra University, about the Portuguese Society of

---

<sup>117</sup> Este artigo é fruto de uma comunicação por mim apresentada em simpósio na XXXVI Semana de História – Direitos na História –, realizada pelo Departamento de História: Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Letras de Assis na Universidade Estadual Paulista (UNESP), ocorrido entre os dias 27 e 29 de outubro de 2020.

Daniel Florence Giesbrecht

---

Anthropology and Ethnology and its relations with the incipient eugenic movement at the beginning of the 20<sup>th</sup> century. Since the end of the 19<sup>th</sup> century, there was a multiplication of societies, institutes and associations that established collaborative networks in several fields of science worldwide – it was not different with Anthropology. Understanding the acts of these agencies blends with historical anthropology itself, and with the importance of those that, even not being graduated anthropologists, have contributed directly or indirectly to its institutionalization. Following the research plan, the paper focuses on a both qualitative and quantitative analysis of the journal “Works by the Portuguese Society of Anthropology and Ethnology” (between volume I from 1919 and volume X from 1945, after which it started being called as “Anthropology and Ethnology Works – TAE), between the years 1919 and 1928. This investigation has sought to establish possible relations between the Portuguese eugenics and other countries, including Brazil, which inaugurated in 1918 the São Paulo Eugenic Society, under the leading of an important eugenicist from the city of Limeira, Renato Ferraz Kehl, who maintained bonds with several international scientific societies, including from Portugal.

**Keywords:** Portuguese Society of Anthropology and Ethnology. Eugenics. Historical Anthropology. Documental Sources; Science History.

## 1 INTRODUÇÃO

O crepúsculo do século XVIII apresentava-se inusitado, mas deveras promissor afinal, em um espaço de menos de cem anos, o continente europeu assim como o ultramar seriam atingidos por uma sequência de eventos que os obrigariam a reinventar-se a partir dos destroços que restaram de tais acontecimentos. A filosofia iluminista prometia a libertação do ser humano pela razão, capaz de harmonizar as diferenças por meio de direitos fundamentais e inatos<sup>118</sup>. As Revoluções que eclodiriam na América em 1776, e mais tarde na França em 1789, colocariam a prova todo o arquétipo paradigmático<sup>119</sup> constituído desde a Idade Média, o qual separava patrícios de plebeus, delegava privilégios de nascimento, assim como o poder soberano, para enfim e categoricamente a história marchar, como alentou Hegel (1988, p. 26), em direção à liberdade e igualdade humana.

(...) não é difícil ver que nosso tempo (o da Revolução Francesa) é um tempo de nascimento e trânsito para uma nova época. (...) o Espírito que se forma lentamente, tranquilamente, em direção à sua nova figura, vai desmanchando tijolo por tijolo o edifício de seu mundo anterior. (...) Esse desmorona-se gradual, que não alterava a fisionomia do todo, é interrompido pelo Sol nascente, que eleva num clarão a imagem do mundo novo.

---

<sup>118</sup> Vide GRESPAN, Jorge. *Revolução Francesa e Iluminismo*. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

<sup>119</sup> Utilizo-me da noção de paradigma instituída por Kuhn (2009), na qual estrutura-se por um modelo consensual adotado em um período histórico determinado.

Daniel Florence Giesbrecht

---

Mesmo o século XIX sendo saudado por uma guerra que mudaria não apenas o mapa político da Europa, mas também de seu mundo colonial além do Atlântico, a certeza de que o homem não era mais suscetível aos caprichos de meras sucessões de eventos aleatórios, e sim de progressivos acontecimentos dentro de um plano racional, evocava a ideia de uma humanidade que, mesmo apresentando diferentes organizações sociais em formas e graus, estava apenas determinada de acordo com o lugar de cada uma delas no desenvolvimento dos seus processos históricos particulares, sendo perfeitamente possível a todas elas alcançarem o “estado da civilização”<sup>120</sup> (ROUSSEAU, 1978).

Apesar da romântica humanização de caráter igualitário da cultura produzida pela diversidade de seres humanos distintos, a aparente equalização das diferenças propostas pelos esclarecidos oriundos do século XVIII teria vida curta.

Após as Guerras Napoleônicas, a Europa adentraria em uma era de calmaria, a qual seria fundamental para a consolidação da industrialização, da urbanização e para o surgimento de um ambiente propício à expansão das atividades científicas e do capital (HOBSBAWM, 1977).

O cotidiano da sociedade se transformava na velocidade das locomotivas Stephenson<sup>121</sup>, gerando novas formas de ver o mundo e os seres humanos. Setores da burguesia e da classe média urbana letrada experimentavam grande otimismo e fé perante as novas conquistas da ciência e da técnica. Mas, por outro lado, os benefícios prometidos pela industrialização não atingiram todos os habitantes da Europa, assim como diversos países dos demais continentes. O aumento acelerado da produção, impulsionado pelos avanços técnicos, acabaria de forma amarga a demonstrar às nações industrializadas que o capitalismo é um sistema de ciclos - e um deles denomina-se: superprodução.

Para nosso estudo em questão, interessa-nos uma das consequências disso tudo: a busca das potências europeias por novos mercados para o alívio da pressão de demanda, assim como para a aplicação de capitais excedentes na Europa em principalmente territórios da África e da Ásia, resultando no fenômeno conhecido como Neocolonialismo. São as repercussões desse

---

<sup>120</sup> Refiro-me ironicamente aos denominados “civilizados” da Europa e dos Estados Unidos do Norte e aos “selvagens” dos confins das periferias do globo.

<sup>121</sup> George Stephenson, engenheiro civil britânico considerado o “pai da locomotiva”. Para maiores detalhes consultar o trabalho de BRINA, Helvécio Lapertosa. *Estrada de Ferro*. Belo Horizonte: UFMG, 1988.

Daniel Florence Giesbrecht

---

fenômeno que servirão como pano de fundo para a afetação do campo científico e das diversas ciências que se institucionalizavam nesse século – como, por exemplo, a Antropologia.

(...) para o historiador que não se concentra exclusivamente nos debates especializados entre teóricos, a questão não se refere apenas à mudança (...) mas também a relação entre essa mudança e tudo mais o que está acontecendo no período. Os processos do intelecto não são autônomos. Sejam quais forem a natureza das relações entre a ciência e a sociedade onde está embutida, e a conjuntura histórica particular onde ocorre, essa relação existe. Os problemas que os cientistas identificam, os métodos que usam, os tipos de teorias que consideram satisfatórias em geral ou adequadas em particular, as ideias e modelos que usam para resolvê-los são os de homens e mulheres cujas vidas, mesmo no presente, não se restringem ao laboratório ou ao estudo (HOBSBAWN, 1988, p. 303).

O surgimento dos impérios coloniais favoreceu um processo de intercâmbio e de dominação que até hoje marcam as relações entre diferentes povos e países do planeta. A partir de meados do século XIX, a reflexão sobre os próprios padrões culturais tornou-se mais complexa e revestiu-se de aparato científico, abrindo espaço para reflexões sociológicas e antropológicas, nas quais o método é a hierarquização das sociedades de acordo com diferentes critérios, essencialmente influenciados pelas ciências naturais.

## 2 DO EVOLUCIONISMO À EUGENIA

Menos de cem anos separam o pensamento de Georges Louis Leclerc<sup>122</sup>, conde de Buffon (1707-1788), do impacto causado pela publicação do livro *On the Origin of Species by Means of Natural Selection, or the Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life* de Charles Darwin (1809-1882). Nesse intervalo, os debates a respeito da inferioridade de determinados grupos humanos e a constituição de elaborações etnocêntricas adentravam os círculos intelectuais europeus. Palavras até então desconhecidas do vocabulário científico passavam a aparecer com maior frequência, como, por exemplo, “degeneração”, agora empregada para definir aqueles considerados étnico e moralmente “inferiores”.

A *intelligentsia* do século XIX polarizava-se em duas visões a respeito da origem do homem. A vertente *monogenista*, ainda oriunda das premissas de igualdade, tanto bíblica como ilustrada, acreditava quase de maneira hegeliana que as diferenças entre os seres humanos eram decorrência de seu estado de degeneração (pecado original) ou de perfeição. Uma outra

---

<sup>122</sup> Naturalista francês que se opunha a teoria da “perfectibilidade” de Rousseau, defendendo já no século XVIII teorias que justificavam as desigualdades raciais entre os homens. Para maiores informações sobre a vida e obra do Conde de Buffon, vide HOQUET, Thierry. *Buffon: histoire naturelle et philosophie*. 2002. (Tese de Doutorado) – Paris 10.

Daniel Florence Giesbrecht

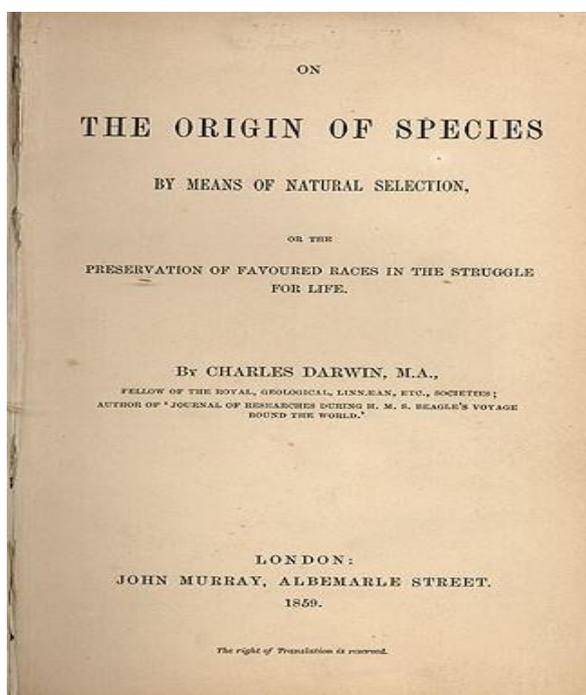
vertente, denominada *poligenista*, a qual se fortaleceu a partir de meados do século com os avanços da biologia, fundamentava-se na hipótese de que os seres humanos partiram de plurais centros de surgimento, originando a grande diversidade de raças em diferentes estágios de desenvolvimento (CUERVO, 1954).

Segundo Schwarcz (1993, p. 37)

Esse tipo de viés (poligenista) foi encorajado sobretudo pelo nascimento simultâneo da *frenologia* e da *antropometria*, teorias que passavam a interpretar a capacidade humana tomando em conta o tamanho e proporção do cérebro dos diferentes povos. Simultaneamente, uma nova *craniologia técnica*, que incluía a medição do índice cefálico (desenvolvida pelo antropólogo suíço Andrés Ratzius em meados do século XIX), facilitou o desenvolvimento de estudos quantitativos sobre as variedades do cérebro humano. (...) Ainda segundo esse mesmo modelo determinista, ganha impulso uma nova hipótese que se detinha na observação “da natureza biológica do comportamento criminoso”. Era a *Antropologia criminal*, cujo principal expoente – Cesare Lombroso – argumentava ser a criminalidade um fenômeno físico e hereditário (apud Lombroso, 1876, p. 75) e, como tal, um elemento objetivamente detectável nas diferentes sociedades.

No dia 24 de novembro de 1959, o mundo seria atingido por um meteoro: era lançada a primeira edição de *A origem das espécies*<sup>123</sup>, de Charles Darwin, naturalista britânico, inaugurando uma nova epistemologia na biologia, a qual ficaria conhecida como *evolucionismo*.

### Folha de rosto da edição original de “A origem das espécies”



Fonte: <http://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/1859-charles-darwin-publica-a-origem-das-especies/> (Acedido em: 31.10.2020).

<sup>123</sup> DARWIN, Charles Robert. *On the Origin of Species by Means of Natural Selection, or the Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life*. London: John Murray Albemarle Street, 1959.

Daniel Florence Giesbrecht

---

O Evolucionismo fomentou discussões que já estavam em voga, como aquelas propostas por Comte (1798-1857) e Spencer (1820-1903), que transpuseram noções como evolução, competição e adaptação para o plano da sociedade dos homens. Nesse sentido, surgiram ideias como a de progresso da civilização. E, se na sociedade humana não havia diferença de espécies, havia as diferenças raciais. Por isso, muitos estudos antropológicos voltaram-se para confirmar a existência de raças entre os homens e de verificar quais seriam as superiores e as inferiores, dando força as teorias poligênicas, já explicadas em linhas anteriores.

Tendo como parâmetro a concepção de que a sociedade europeia ocidental era o modelo de civilização a ser seguido, diversos outros povos acabaram sendo classificados como primitivos ou selvagens. Afora as consequências políticas e morais de tais pressupostos, o termo “primitivo” adentrou a disciplina, não sendo raro até hoje perceber no senso comum que a Antropologia seria o “estudo das sociedades primitivas”.

Impactado pelos postulados de Charles Darwin e pelas discussões decorrentes a partir de então, seu meio-primo Francis Galton (1822-1911) estenderia seus estudos à hereditariedade humana e passaria a sugerir a possibilidade do melhoramento racial por meios de reproduções seletivas e racionais. Em 1883, ano da publicação de sua obra *Inquiries into human faculty and its development*<sup>124</sup>, utilizaria pela primeira vez a expressão *eugenia*, saudando uma nova ciência que teria como pressuposto básico a aplicação social dos novos conhecimentos da biologia e da hereditariedade para se obter o aperfeiçoamento racial na população humana.

Influenciados pela crescente importância da redescoberta dos princípios genéticos de Mendel, em princípios do século XX, para a compreensão dos mecanismos da hereditariedade, principalmente com a admissão da existência de caracteres dominantes e recessivos quando dos cruzamentos entre indivíduos, os eugenistas estadunidenses estavam convencidos de que bastaria, ao pesquisador de campo eugenista, determinar quais caracteres nocivos poderiam ser dominantes e estabelecer procedimentos visando impedir a sua proliferação (SELDEN, 1999, p. 2-4 apud CONT, 2013, p. 514).

As teorias eugênicas foram aceitas e aplicadas de forma difusa, tanto em seu tempo como nas metodologias em diversos países, assumindo formas distintas, relacionando-se ou não com políticas estatais, assim como despertando disputas que perpassavam questões éticas, morais e religiosas. Do higienismo à educação, classificadas por Stepan (2005) como “modelo latino de eugenia”, até o radicalismo da defesa da esterilização e dos impedimentos matrimoniais dos

---

<sup>124</sup> GALTON, Francis. *Inquiries into human faculty and its development*. Londres: Macmillan, 1893.

Daniel Florence Giesbrecht

---

considerados inaptos (PICHOT, 2002), a eugenia tomou para si o debate científico até meados do século XX, suscitando inúmeros congressos, cursos, conferências, além do surgimento de sociedades fundadas em diversos países com o objetivo de institucionalizá-la<sup>125</sup>.

### 3 A EUGENIA EM PORTUGAL NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

Passavam-se os primeiros anos e o evolucionismo se consolidava como um dos principais assuntos debatidos entre os cientistas europeus. A sua precoce associação ao conceito de raça pode ser ilustrada por meio de um exemplo *sui generis*: a capitulação da França frente à Prússia em 1870. Não é nossa pretensão alargarmos a discussão à complexidade e aos meandros do conflito bélico, mas sim tecer uma breve consideração de como essa guerra, por exemplo, contribuiu para o desenvolvimento e a propagação das teorias sociais darwinistas. Não demoraram a aparecer explicações de caráter racial para justificar a derrota francesa e a vitória prussiana, colaborando com o acirramento das dicotomias entre os decadentes povos meridionais e os ditos superiores povos do norte da Europa (VAQUINHAS, 1992).

Portugal, apesar de não ter experimentado nenhum conflito bélico semelhante a Guerra Franco-Prussiana, encerrava o século XIX imbuído de uma crise monárquica gerada pelo Ultimatum britânico de 1890<sup>126</sup>, o qual exigiu a retirada das forças militares portuguesas de parte do território compreendido entre Moçambique e Angola, sendo sua concessão habilmente explorada pelo movimento republicano, o qual se apropriaria do discurso da necessidade de regeneração da “raça portuguesa”, numa aspiração nacionalista e antiaristocrática<sup>127</sup>.

---

<sup>125</sup> A euforia provocada pelo tema resultou na realização, durante três décadas, de congressos internacionais que reuniram importantes nomes do movimento eugênico mundial. No Primeiro Congresso Internacional de Eugenia, realizado em 1912, em Londres, estiveram presentes ilustres personalidades como Winston Churchill (1874-1965) e Lord Balfour (1848-1930), além de ter sido presidido por Leonard Darwin (1850-1943), filho de Charles Darwin. O Segundo Congresso Internacional de Eugenia, realizado em 1921 em Nova Iorque, foi presidido por Alexander Graham Bell (1847-1922). O Terceiro Congresso Internacional de Eugenia de 1932, também em Nova Iorque, foi presidido por Charles Davenport (1866-1944). Sobre o assunto recomendo, a leitura de KUHL, Stefan. *For the Betterment of the Race: The Rise and Fall of the International Movement for Eugenics and Racial Hygiene*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2013.

<sup>126</sup> Álvaro de Campos, em seu conto *Ultimatum*, tece uma contundente crítica ao estado de degenerescência em que se acreditava que se encontrava a população portuguesa, ao mesmo tempo em que enaltece, de forma nostálgica, o passado memorável nacional, dando a impressão de notável incômodo e dificuldade de compreensão em termos macro-históricos da situação geopolítica de Portugal nas últimas décadas do século XIX. Vide CAMPOS, Álvaro de. *Ultimatum*. Porto: Editorial Cultural, 1951.

<sup>127</sup> Sobre o Ultimatum britânico, vide PATRÍCIO, Miguel. Do Ultimatum de 1890 ao Tratado Luso-Britânico de 1891 – ensaio de história diplomática. *Revista do Instituto do Direito Brasileiro*, 2013.

Daniel Florence Giesbrecht

---

A literatura é um instrumento analítico de grande valia, a qual permite-nos perceber como a geração dos finais do dezenove foram afetadas de forma consciente e inconsciente pelas discussões raciais evolucionistas. Pereira (2001) apresentou uma tese de doutoramento meticulosa que, por meio da literatura portuguesa, demonstra os impactos do darwinismo no país, bem como as dissemelhanças de Portugal em relação a outras nações europeias. Percorrendo obras de autores clássicos da história e da literatura portuguesa, como, por exemplo, Antero de Quental (1842-1891); Ramalho Ortigão (1836-1915); Teófilo Braga (1843-1924); e Júlio de Vilhena (1845-1928), a autora, de maneira pioneira e inovadora, propõe um olhar bastante peculiar a respeito do evolucionismo e seus diálogos com a literatura, a ciência e a filosofia portuguesa entre os anos de 1865 a 1914.

Temáticas centrais nas obras dos autores analisados por Pereira (*idem*), chama-nos a atenção a importância das teses raciais, principalmente as defendidas por Júlio de Vilhena, na sua busca incessante pela necessidade de comprovação da arianidade da Península Ibérica, corroborando a discussão sobre a supremacia racial dos europeus do norte e a busca de teorias baseadas no darwinismo para sustentar tais aproximações históricas.

Mas, e a eugenia? Apesar de a apropriação formal do conceito ter sido apenas consolidada no início do século XX, tais discussões evolucionistas abriram caminho para que, ao final do século XIX, pudéssemos perceber para quais vertentes pendiam as ações derivadas da nova ciência de Galton em Portugal. De acordo com Pereira (2001), assim como Stepan (2005), percebe-se que, nesse país, a eugenia nasce como um subproduto do que foi gestado pelo social darwinismo e assume, quase em sua totalidade, ações direcionadas à prevenção e ao tratamento das mazelas que pareciam estar contribuindo para a derrocada e enfraquecimento da raça portuguesa. Essas ações, de forma preventiva, eram tomadas principalmente no combate das consideradas degenerescências exógenas a serem extirpadas, tais como o linfatismo, o raquitismo, além de doenças como a tuberculose, a sífilis e o alcoolismo<sup>128</sup>.

Baseado nos estudos de Stepan (*idem*) a respeito das metodologias eugênicas aplicadas em diversos países, classificaríamos até então o modelo eugênico português como uma ponta da vertente científica de tradição lamarckista que predominava na França, assim como em outros

---

<sup>128</sup> A Peste Bubônica do Porto de 1899 pode ter tido um importante papel em inaugurar uma nova percepção biopolítica de proteção da vida em detrimento da morte.

Daniel Florence Giesbrecht

países de matrizes latina, como, por exemplo, no Brasil. Tanto Brasil como Portugal, de tradição católica, seriam pouco suscetíveis a medidas eugênicas do tipo das aplicadas em países como a Suécia, a Noruega, a Dinamarca e Alemanha, que viabilizaram desde medidas de controle matrimonial até práticas coercitivas de esterilização<sup>129</sup>.

As fontes primárias acerca da vertente eugênica lamarckista em Portugal, as quais tivemos contato para catalogações e posteriores análises pertinentes ao nosso Plano de Trabalho em desenvolvimento no Programa de Doutorado em História Contemporânea na Universidade de Coimbra, corroboram majoritariamente com o predomínio do lamarckismo<sup>130</sup> e do neolamarckismo<sup>131</sup> como as principais influências dos debates eugênicos em Portugal nas três primeiras décadas do século XX - mas vale ressaltar que para toda regra há exceções<sup>132</sup>. Atribuir que a *intelligentsia* portuguesa era irrefutavelmente adepta de práticas eugênicas preventivas é compreender o caso lusitano *avant la lettre* – ou, ao menos, superficialmente.

#### **4 A ENTRADA DO DISCURSO DARWINISTA E EUGÊNICO EM PORTUGAL A PARTIR DE PERIÓDICOS: OS CASOS DO “A MEDICINA CONTEMPORÂNEA” E DO “TRABALHOS DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA”**

Coleção fundamental para o conhecimento dos debates médicos portugueses das primeiras décadas do século XX são os fascículos do periódico *Medicina Contemporânea, Hebdomadário Português de Ciências Médicas*<sup>133</sup>, inicialmente publicados sob a direção de Miguel Bombarda (1851-1910), formado pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, dedicando-se aos estudos de psiquiatria durante quase toda a carreira como médico e docente. Em um artigo de *A Medicina Contemporânea*, de título “Eugeneses”, Bombarda (1910) defende a esterilização e a legislação

---

<sup>129</sup> Para iniciar-se conceitualmente sobre a eugenia brasileira, assim como as metodologias envolvidas sobre o tema, além de Stepan (*ibidem*), sugerimos a leitura de WEGNER, Robert; SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Eugenia ‘negativa’, psiquiatria e catolicismo: embates em torno da esterilização eugênica no Brasil. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, jan-mar. 2013, p. 263-288.

<sup>130</sup> Teoria atribuída ao naturalista Jean-Baptiste de Lamarck (1744-1829), na qual era defendida a transmissão dos caracteres adquiridos por meio da lei do uso e desuso no processo de adaptação ambiental do ser humano. Para o entendimento do assunto de maneira didática, sugerimos a leitura de CICILLINI, Graça Aparecida. A História da Ciência e ensino da Biologia. *Ensino em Re-vista*, 2010.

<sup>131</sup> Teoria atribuída a Edward Drinker Cope (1840-1897), alternativa à seleção natural. Ver FARIA, Felipe. O neolamarckismo de Edward Drinker Cope e a ideia de progresso biológico no processo evolutivo. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 4, out.-dez. 2017, p.1009-1029.

<sup>132</sup> Detalhes a respeito dessas fontes serão identificados na última parte deste trabalho.

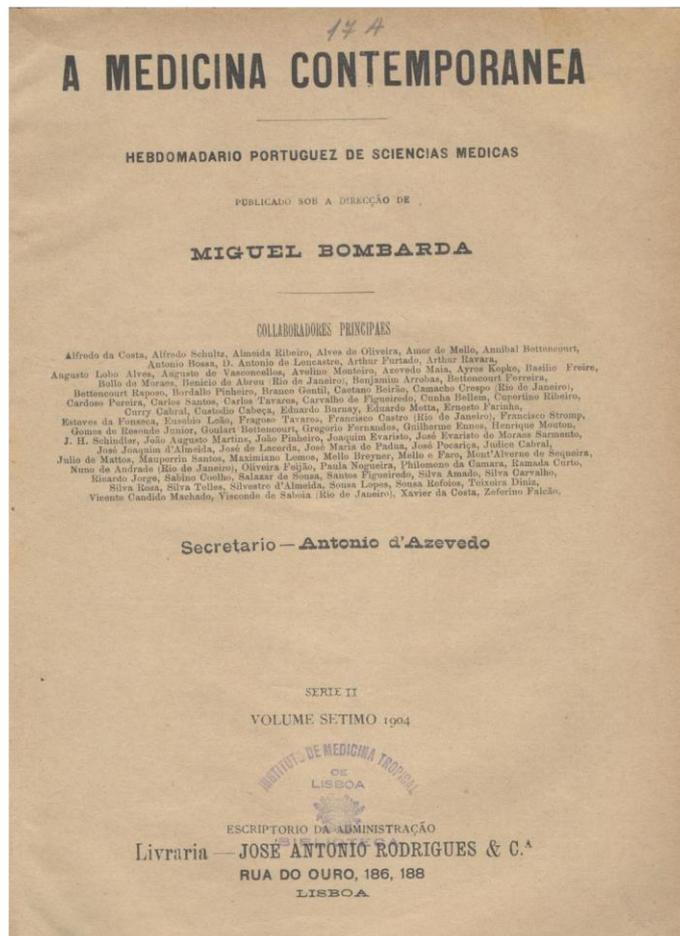
<sup>133</sup> A Biblioteca da faculdade de Medicina da Universidade do Porto (FMUP) tem praticamente todos os volumes que foram publicados durante a existência desse periódico, com exceção dos anos de 1924, 1957, 1961, 1963.

Daniel Florence Giesbrecht

matrimonial, permitindo-nos perceber que em Portugal haviam penetrados os argumentos eugênicos mais radicais, oriundos de debates, pautados na Antropologia Criminal, realizados na Inglaterra e nos Estados Unidos.

Apesar disso, o discurso de Bombarda nos parece mais um radicalismo de exceção, sem penetração contundente nos círculos de debates eugênicos no país, até porque o próprio médico acreditava que ações concretas no combate a moléstias e vícios, assim como na melhoria do próprio meio, poderiam trazer as mesmas ou até mais benesses do que a castração pura e simples, baseando-se em princípios de hereditariedade, aproximando-o ainda mais do lamarckismo.

### Medicina Contemporânea, Hebdomadário Português de Ciências Médicas.



Fonte: Arqueologia em Calendário: Dia Nacional da Cultura Científica, Câmara Municipal de Loures.

Segundo Cleminson (2014, p. 40),

Daniel Florence Giesbrecht

---

The work of Miguel Bombarda displays what we believe to be the earliest reception of eugenic ideas in Portugal. At the risk of repetition on delimiting this moment, what is emphasized of the gradual assimilation of eugenic notions and languages and the incorporation, by eugenics, of discourses coming from related concerns such as degeneration and legal medicine.

Ainda durante a década de 1910, outros nomes da ciência, preocupados com questões populacionais, passariam a embrenhar-se entre os meandros e as dicotomias da eugenia e a elaborarem novos estudos em Portugal, destacando-se o nome de um antropólogo, professor da Universidade do Porto que, já em 1915, em seu resumo *Lições de Antropologia*<sup>134</sup>, destacava a importância do pensamento de cientistas como Lamarck e Darwin: António Augusto Mendes Correia (1888-1960).

Considerado por muitos como o mais influente antropólogo da história portuguesa, de relevância internacional, inclusive com contato e permuta de trabalhos com vários pares no Brasil, fundou em 1918<sup>135</sup> a Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (SPA), nosso objeto de estudo na fase em que nos encontramos de nosso Plano de Trabalho<sup>136</sup>.

Na história da Antropologia, desde o final do século XIX e o início do XX, foram organizadas várias sociedades, institutos e agremiações que delimitaram tendências e que nos agraciariam com fontes legadas de imenso valor para a compreensão desse passado de intensa produção intelectual, que nos permite conhecer um pouco mais da história do movimento eugênico, tanto a nível local quanto global. Com a SPAE não é diferente, pois essa instituição centenária publica o mais antigo periódico do país – desde 1919 – dedicado à Antropologia: o *Trabalhos de Antropologia e Etnologia (TAE)*<sup>137</sup>, que reúne dezenas de volumes publicados, com múltiplas temáticas, desde estudos nacionais quanto internacionais.

---

<sup>134</sup> CORREIA, António Augusto Mendes. *Resumo das Lições de Antropologia feitas pelo assistente, servindo de professor de cadeira*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1915.

<sup>135</sup> *Livro de Actas da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia I, 1918-1924*. Porto: SPAE.

<sup>136</sup> Mendes Correia tinha profundo envolvimento com o Brasil. Era diretor do Grupo de Estudos Brasileiros da cidade do Porto, foi membro colaborador de várias entidades intelectuais no Brasil e convidou intelectuais brasileiros para filiarem-se a SPAE, como Renato Kehl [1889-1974] – considerado por muitos o mais famoso eugenista brasileiro –, além de outras personalidades, como, por exemplo, os historiadores Pedro Calmon [1902-1985] e Oliveira Vianna [1883-1951] (MATOS, 2013).

<sup>137</sup> A SPAE passou a publicar os *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia* (assim designados entre o volume I de 1919 e o volume X de 1945), depois denominados *Trabalhos de Antropologia e Etnologia (TAE)*.

Daniel Florence Giesbrecht

---

O arco temporal escolhido para a análise desse material são os anos de 1918 a 1949. Justifica-se tal período devido a algumas questões que necessitam ser referenciadas. Além de 1918 ser o ano de fundação da SPAE, foi também o de encerramento da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), fato que iria, com o passar dos anos, dar margem à ascensão de regimes totalitários, como o nazismo, por exemplo, o qual teria em sua base ideológica o racismo científico e a utilização de práticas eugênicas radicais levadas às últimas consequências<sup>138</sup>. Também em 1918 seria fundada no Brasil a *Sociedade Eugênica de São Paulo* (SESP), primeira do gênero na América Latina, sob a liderança do médico eugenista Renato Kehl, instituído sócio correspondente da SPAE em 4 de maio de 1923, sob número 32<sup>139</sup>, momento em que as discussões eugênicas e sociais darwinistas espalhavam-se pelo Brasil sob influências semelhantes às de Portugal, concentrando-se principalmente no âmbito higienista e sanitário, na educação sexual, nas políticas de imigração e críticas à miscigenação (BONFIM, 2017).

Abarcando todo o período entreguerras (1919-1939), a intensificação dos debates eugênicos provoca cisões e polarizações dentro do próprio movimento, refletindo nas produções acadêmicas, práticas médicas e biopolíticas estatais, tornando profícua a análise de periódicos - em nosso caso, o TAE - produzidos sob o efeito dessas querelas.

Com a Segunda Guerra Mundial em andamento (1939-1945), e após o seu encerramento, os anos de 1939 a 1949 são marcados pelo arrefecimento das ideias eugênicas radicais e do racismo científico, além da influência mais intensa de teorias antropológicas culturalistas, principalmente as relacionadas aos trabalhos de Franz Boas (1858-1942)<sup>140</sup>. De todas as suas ideias, a formulação do conceito de etnocentrismo e a necessidade de estudar cada cultura singularmente por seus próprios termos exercem, ainda nos dias de hoje, uma enorme influência nos estudos antropológicos. Em sua obra, Boas se contrapôs aos evolucionistas, que

---

<sup>138</sup> PICHOT (2002).

<sup>139</sup> *Lista dos membros da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1929*. Porto: SPAE.

<sup>140</sup> Franz Boas nasceu em 1858 e era alemão de origem judaica. Formado na Alemanha, como geógrafo e psicofísico, estudou Geografia com Friedrich Ratzel (1844-1904), o qual afirmava que o meio ambiente era o fator determinante da cultura. Emigrou para os Estados Unidos, onde desenvolveu a sua carreira científica de antropólogo. Realizou desde muito cedo trabalho de campo, viajando até ao Ártico para estudar as sociedades esquimós. Deu aulas na Universidade de Columbia e foi diretor do American Museum of Natural History, em Nova York. Formou antropólogos como Melville Herskovits (1895-1963), Alfred L. Kroeber (1876-1960), Robert Lowie (1883-1957), Edward Sapir (1884-1939), Margaret Mead (1901-1978), Ruth Benedict (1887-1948), Clyde Kluckhohn (1905-1960) e Gilberto Freyre (1900-1987). Vide KUPER, Adam. *Antropólogos e Antropologia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

Daniel Florence Giesbrecht

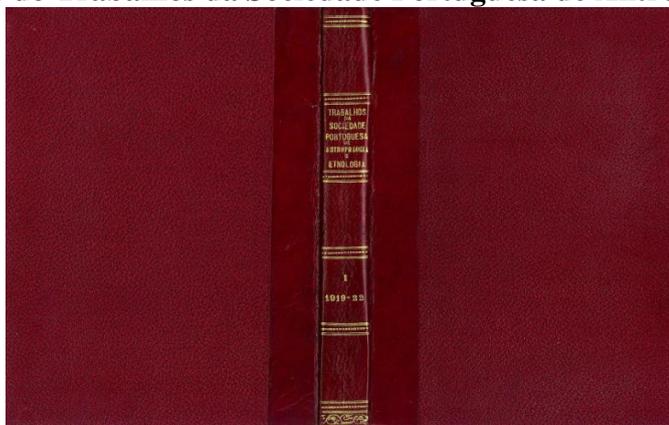
compreendiam as culturas das sociedades não-caucasianas como inferiores. É por meio dos estudos dele que a ideia de uma escala evolutiva das sociedades, partindo de agrupamento de homens “selvagens” ou “naturais” e chegando às “sociedades civilizadas” europeias, vai sendo gradualmente abandonada pelos estudos antropológicos (BOAS, 1940).

Foi também a década de 1940 um período fundamental para a institucionalização da Antropologia no Brasil. Fundada em 1941 pelo antropólogo, médico psiquiatra, psicólogo social, etnólogo e folclorista Arthur Ramos (1903-1949), a Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia (SBAE) chamou-nos a atenção em suas semelhanças e dissimilaridades de sua congênere portuguesa, abrindo-nos a possibilidade da realização de um estudo comparado, fato a ser contemplado em nossa segunda etapa do Plano de Trabalho de nossa tese de doutoramento segundo cronograma<sup>141</sup>.

## 5 TRABALHOS DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA (1919-1928)

Como já referenciado, a SPAE publica a mais antiga revista da especialidade do país: o *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Até a presente elaboração deste artigo, pude averiguar e catalogar as cento e trinta e seis publicações contidas nas mil e dezoito páginas dos vinte e sete fascículos que compõe os três primeiros volumes do periódico, publicados entre os anos de 1919 a 1928.

### Exemplo de volume do *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*.



Fonte: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/tae/> (Acedido em: 30.10.2020)

<sup>141</sup> Arthur Ramos gozava de grande prestígio na comunidade científica internacional, fato que, por exemplo, lhe resultou em um convite feito pelo então Chefe da Divisão de Propaganda de Portugal, o escritor José Osório de Oliveira, para participar de estudos antropológicos nas colônias africanas (AZEREDO, 1986).

Daniel Florence Giesbrecht

Objetivando elaborar uma primeira fase de catalogação e inflexão das publicações que coadunassem com a eugenia, racismo científico e social darwinismo de maneira implícita ou explícita, procurei objetivar os dados encontrados (Quadro 1) de acordo com os temas das publicações sob a definição de categorias, além dos anos abarcados. Salientamos que foi só a partir de 1926 que o conteúdo do periódico passou a incluir em sua estrutura editorial a seção *Vária*, que se ocupava principalmente de artigos no formato de boletins informativos, e a seção *Revista Bibliográfica*, composta principalmente por resenhas, dentre outros assuntos<sup>142</sup>.

### Quadro 1

TRABALHOS DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA VOLUME I, II e III (1919-1928)				
Assunto	1919 - 1922 (I)	1923 - 1926 (II)	1926 - 1928 (III)	ERCSD*
Antropologia Colonial	01		04	01
Antropologia Criminal			04	04
Antropologia Internacional		01	17	06
Antropologia Nacional	01	02	08	02
Arqueologia			20	
Eugenia e Higienismo	02		02	
Etnologia e Etnografia	03	01	11	07
Evolução Humana		02	05	02
Frenologia	03		08	02
Medicina	02	03	12	04
Paleontologia		01	11	
Cotidiano Informativo			13	02

\*Publicações que apresentavam conteúdo congênere a Eugenia; Racismo Científico; Social Darwinismo.  
Quadro elaborado pelo autor.

Como já destacado por Matos (2012), a pluralidade presente nas publicações realizadas pela SPAE reflete “a própria visão abrangente da Antropologia de Mendes Correia e a forma como os seus colaboradores foram estimulados a se dedicar a diversificados temas de investigação” (p. 80)<sup>143</sup>.

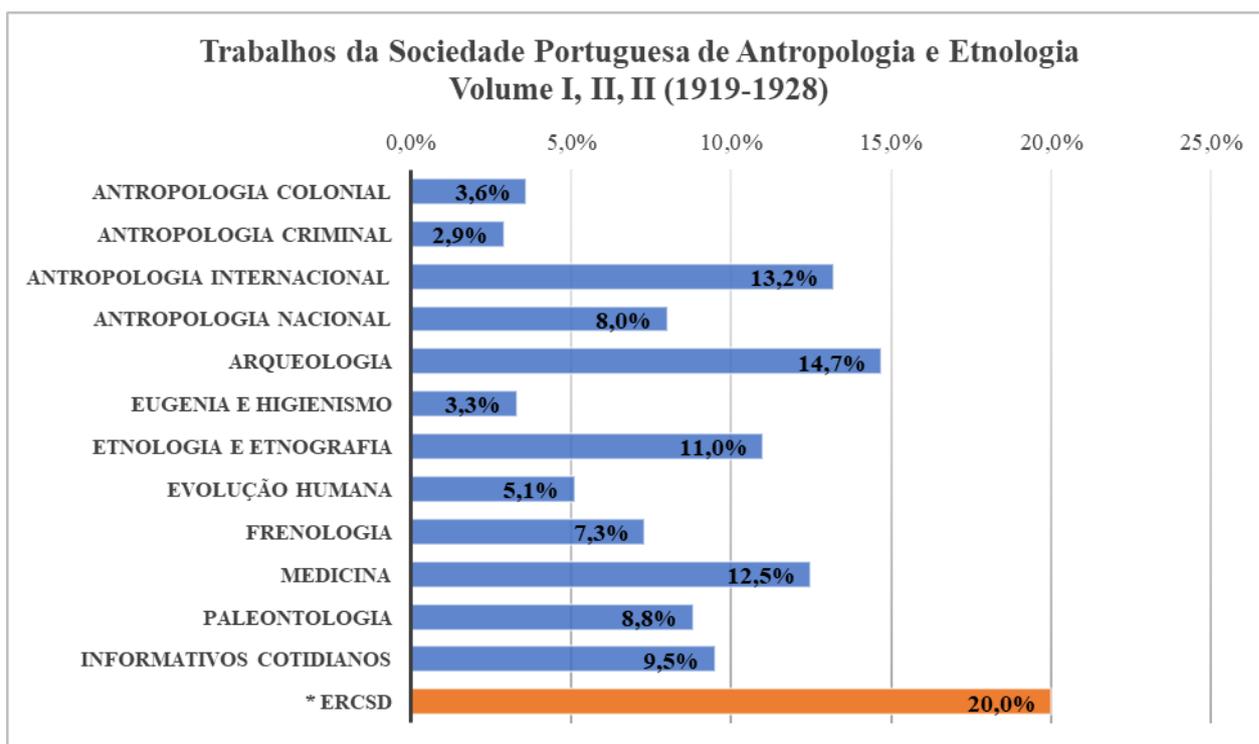
<sup>142</sup> A ampliação do conteúdo da Revista foi possível devido a uma verba adicional concedida pelo Prof. Artur Ricardo Jorge, ministro da Instrução Pública (1923-1925), elevando o orçamento daquele ano para o valor de 2.400\$00 escudos, permitindo pela primeira vez uma impressão anual de 4 fascículos (*Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia III*, 1926-1928. Porto: SPAE, p. 58).

<sup>143</sup> Importante também destacar que os colaboradores da SPAE, como pudemos perceber, eram oriundos de diversas áreas do conhecimento, com formação em medicina, ciências ou letras, mas também padres e militares. Havia sócios que nos parecem ser considerados amadores no que se refere à Antropologia, mas com formação universitária em outras áreas e domínios.

Daniel Florence Giesbrecht

A diversidade temática *ad mensuram* é estimulante, destacando-se a quantidade de assuntos coadunados com as discussões travadas no campo da eugenia, racismo científico e social darwinismo<sup>144</sup>, influenciando direta e indiretamente cerca de vinte por cento das publicações dos volumes entre 1919 e 1928 (vide Gráfico 1).

Gráfico 1



\* Publicações que apresentavam conteúdo congênere a Eugenia; Racismo Científico; Social Darwinismo.  
Gráfico elaborado pelo autor.

Com o intuito de contextualizar as influências eugênicas, racistas científicas e social darwinistas encontradas em diversos artigos do periódico em questão, por questões didáticas e também pelas limitações impostas pelo tamanho máximo que deve ter este artigo, selecionei alguns exemplos de publicações para exemplificar ao leitor nossos pressupostos metodológicos de análise, principalmente técnico e de discurso.

<sup>144</sup> Foram vários os artigos que tratavam da evolução humana a partir de elementos morfológicos, fisiológicos e embriológicos, além da utilização quase que constante da frenologia como ciência auxiliar. Destaco, por exemplo, o artigo denominado *En Portugal*, atribuído a Ernest Bertrand, diretor da Penitenciária de Leuven, o qual deixa claro a posição de Mendes Correia, que refuta as teorias criminais da escola italiana, sustentadas principalmente na obra de Césare Lombroso, ficando evidente a sua adesão ao neolamarckismo, atribuindo também ao meio, intrínseca relação com o culminar da situação de delinquência (BERTRAND, Ernest. *Em Portugal*. In: *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia III*, 1926-1928. Porto: SPAE, p. 313-318).

Daniel Florence Giesbrecht

---

Seguirei a partir deste momento algumas categorias que compõem o Quadro 1, já apresentado, com os comentários fluidos em relação às publicações elencadas.

Iniciamos com uma publicação que faz parte da categoria “Eugenia e Higienismo”, por esta definir-se de forma explícita, ou seja, a temática central abordada pela publicação no periódico era diretamente sobre o assunto. Como exemplo, trago algumas considerações referentes a uma recensão crítica realizada por António Mendes Correia sobre “Bíblia da Saúde”, o então recém-lançado livro pelo médico eugenista brasileiro Renato Ferraz Kehl, publicada na página 81-82 do primeiro fascículo do terceiro volume do *Trabalhos da SPAE* em 1926<sup>145</sup>.

Não dispensando elogios, Mendes Correia reforça a importância das políticas higienistas em prol do combate da degenerescência e da formação de uma nação forte e robusta, corroborando como já dito anteriormente com o que denominamos de “modelo latino de eugenia”, com ênfase no pragmatismo de tradição lamarckista.

*A Bíblia da Saúde*, do dr. Renato Kehl, pertence ao número das raras publicações cuja leitura saudável e confortante deve ser a todos aconselhada sem quaisquer reservas e antes com vivíssimo calor, porque é um belo manual de higiene, acessível aos próprios espírito menos cultos e escrito no mais sugestivo tom de apostolado e de acordo com as mais benéficas e seguras prescrições da ciência moderna.

Passam-se em revista, nessas formosas e eloquentíssimas páginas, os aspectos mais variados das questões da conservação da saúde individual e da defesa pessoal e colectiva contra os múltiplos flagelos mórbidos. A preservação das gerações vindouras merece especiais atenções ao autor, que com o seu trabalho marcaria um lugar de primeira categoria entre os eugenistas, se como tal não estivesse já consagrado por outros estudos anteriores (CORREIA, 1926).

É perceptível em diversos textos analisados a clara preocupação da SPAE em ocupar-se de uma verdadeira institucionalização da Antropologia em Portugal e, ao mesmo tempo, de delimitar suas fronteiras entre as demais ciências. Por isso, creio que seja importante destacar que os textos referidos nas categorias “Etnologia” e “Etnografia” aproximam-se mais do que hoje

---

<sup>145</sup> Foi a partir desse documento - o qual tive o primeiro contato no ano de 2018, no Fundo Renato Kehl, junto ao repositório arquivístico da Fundação Oswaldo Cruz, no bairro de Manguinhos, zona norte do município do Rio de Janeiro, o qual reúne cartas, boletins, textos e artigos científicos, discursos, folhetos, recortes de jornais e fotografias, entre outros documentos referentes à vida pessoal, à trajetória profissional do médico e a sua campanha pela implantação da eugenia no Brasil - que passei a conhecer a Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. Posso afirmar que este foi o ponto de partida para a execução deste Plano de Trabalho, denominado “Da regeneração à redenção: darwinismo-social, eugenia e nacionalismo no Brasil e Portugal (1918-1949)”, realizado junto ao Programa de Doutorado em História Contemporânea da Universidade de Coimbra, sob a orientação do Doutor João Paulo Avelãs Nunes (Faculdade de Ciências e Letras da Universidade de Coimbra) e sob a coorientação da Doutora Patrícia Ferraz de Matos (Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa) e da Doutora Lília Katri Moritz Schwarcz (Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo). Para mais informações sobre o desenvolvimento deste projeto, vide GIESBRECHT (2020).

Daniel Florence Giesbrecht

---

costumamos denominar de Antropologia Social e Cultural, desenvolvida pelas escolas francesa e britânica.

Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior, membro do conselho diretivo da SPAE, sócio efetivo e professor assistente de Antropologia na Faculdade de Ciências do Porto, publica o artigo intitulado “Estudo Antropológico e Etnográfico da População de S. Pedro (Mogadouro)” no segundo fascículo do segundo volume do Trabalhos da SPAE em 1924.

O estudo, realizado no povoado de S. Pedro, no Conselho de Mogadouro, revela-nos a utilização de metodologias antropométricas aplicadas em 47 indivíduos, sendo 27 do sexo masculino e 20 do feminino. O trabalho flui na direção da captação de características raciais das amostras e do objetivo de “reunir alguns factos e observações da vida moral e material dos transmontanos de S. Pedro” (SANTOS JÚNIOR, 1924).

A pesquisa apresenta, do ponto de vista etnológico e etnográfico, valor inestimável, dada a quantidade de informações e detalhes reunidos e compilados pelo autor. Porém, o que é pertinente a nossa discussão são as conclusões antropológicas apresentadas:

Relativamente aos portugueses em geral o transmontano apresenta um menor excesso de tipo moreno sobre o loiro, nariz mais rectilíneo, estatura mais baixa, maior dolicocefalia, menor índice vértico-longo e maior vértico-transverso, e nariz mais largo como na Beira baixa. (...) Como não há concordância constante entre as altas estaturas e a pigmentação clara, deve concluir-se que uma influência *nórdica*, a admitir-se se diluiu muito na mestiçagem (Ibidem, p. 123).

Entender os movimentos populacionais na Europa, as migrações e imigrações, os processos de seleção social, a morfologia das populações rural e urbana, o futuro das raças europeias frente as diferenças climáticas, as predisposições a determinadas doenças, as consequências da mistura racial, os comparativos entre europeus e as “vantagens” do tipo teutônico demonstram nitidamente o interesse de Santos Júnior em envolver-se nas questões eugênicas de forma galtoniana.

De acordo com Cleminson (2014), questões raciais e de miscigenação se colocariam no centro dos debates eugênicos por mais de vinte anos no país. Nas primeiras discussões acerca da eugenia na década de 1910, pequenos círculos influenciados pelo lamarckismo avançavam na direção de querelas sobre degeneração, legislação matrimonial e controle de doenças, contribuindo para o enriquecimento de debates médicos. Porém, com o arrefecimento do lamarckismo nos anos subsequentes, os debates tomariam novos rumos. Isso não significa que,

Daniel Florence Giesbrecht

---

em Portugal, a recepção da eugenia aconteceu no mesmo ritmo de países como Alemanha, Estados Unidos ou Grã-Bretanha; pelo contrário, a recepção da eugenia em Portugal foi lenta e gradual.

Seguindo a estrutura de suas congêneres europeias, a SPAE estimulou a entrada na sociedade de associados tanto nacionais como estrangeiros, correspondentes ou honorários, o que possibilitou um alargamento dos debates, a internacionalização de suas atividades e as permutas de trabalhos. Dentre esses estrangeiros, destaco neste momento Vincenzo Giuffrida-Ruggeri (1872-1921)<sup>146</sup>, sócio-correspondente e renomado professor da Faculdade de Nápoles, que colaborou com a publicação de um artigo inédito já no primeiro fascículo do primeiro volume dos Trabalhos da SPAE em 1919, intitulado “O Problema Eugênico Segundo a Moderna Genética”, em que a tradução coube ao Gabinete de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto.

Giuffrida-Ruggeri em sua publicação apimenta as discussões que se intensificariam nos próximos anos entre monogenistas e poligenistas, lamarckistas e mendelianos.

Certamente uma melhoria do ambiente social não é despida d'importância, mas ocorre apurar-se se ela possui toda aquela importância que lhe atraiu até agora a atenção exclusiva das tendências filantrópicas e humanitárias (...) O ambiente não é todo poderoso: entram em jogo os factores hereditários antisociais que são mais fortes do que o ambiente, explicando-se deste modo que de facto existam seres antisociais em qualquer ambiente (GIUFFRIDA-RUGGERI, 1919, p. 71)

Giuffrida-Ruggeri também suscita um debate polêmico remanescente desde a época de Miguel Bombarda: a necessidade ou não de um maior controle em relação ao matrimônio, inclusive por meio de políticas de esterilização, fato este que será foco de peijas com a Igreja Católica, assunto que pretendemos avançar em outra oportunidade. Segundo o antropólogo italiano, “Suponhamos que se póde impedir o matrimónio – ou torna-lo infecundo – entre os degenerados ou outros indivíduos prejudiciais” (Ibidem).

---

<sup>146</sup> Dada a importância do antropólogo, o professor António Mendes Correia promoveu um pronunciamento na SPAE em póstuma ao professor Giuffrida-Ruggeri. O texto com o pronunciamento foi publicado integralmente no primeiro volume do Trabalhos da SPAE dentre as páginas 280-285. Na seção Lutuosa (1921-1925) contida no final do segundo volume (1923-1926) do Trabalhos da SPAE, assim era a nota referida ao óbito do professor italiano: “O sócio correspondente V. Giuffrida-Ruggeri, professor da Universidade de Nápoles, antropólogo de reputação mundial, autor de numerosos e importantes trabalhos, um dos mais ilustres defensores do neomonogenismo e dedicado amigo dos portugueses” (p. 344).

Daniel Florence Giesbrecht

---

No artigo, Giuffrida-Ruggeri também tece críticas imperativas ao estudo promovido por Richet (1918), renomado médico francês, que defendia a imigração forçada de portadores de tuberculose e sífilis para ilhas do ultramar, deixando a entender um desprezo imensurável, inclusive pelas populações nativas locais, como exemplo, os filipinos, defendendo, se necessário, a expulsão dos mesmos para abrigar os degenerados europeus<sup>147</sup>.

Giuffrida-Reggeri (1919), de modo mais pragmático e menos radicalizado, aproximando-se mais do modelo eugênico positivo, expõe em seu texto uma espécie de conselho neo-monogenista-medeliano,

Cada família deveria construir a sua árvore genealógica bem explícita, na qual, percorrendo as diversas gerações, se poderia vêr se um dado aspecto físico e um certo hábito moral desaparecera e reapareceram juntos, o que quererá dizer que são referíveis a um mesmo fator (ibid, p. 75).

Ainda nos restariam vinte e oito publicações dos primeiros nove anos de vida do *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia* correlatos a eugenia, racismo científico e social darwinismo, que também teriam espaço para uma apreciação minuciosa (deixaremos a análise integral para um capítulo da tese de doutorado). Mesmo inseridos em categorias diferenciadas, tais como a antropologia, a etnologia e etnografia, a evolução humana, a frenologia ou a medicina, este primeiro contato investigativo a partir dessas fontes primárias foram fundamentais para estimular o prosseguimento da coleta, catalogação e análise dos próximos volumes do periódico, assim como a apreciação de outros documentos disponibilizados pela instituição, como, por exemplo, relatórios. No momento oportuno, nos deslocaremos pelo Atlântico e avançaremos as investigações em território brasileiro, buscando analisar uma instituição similar que funcionou no país entre os anos de 1941 e 1949: a Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia. Ainda não sabemos o que o futuro dessa investigação nos reserva, mas o arco cronológico vai se tornando cada vez mais promissor, pois estamos adentrando a década de 1930, período de ascensão do modelo eugênico norte-americano e alemão, além dos prenúncios nacionalistas que culminariam na Segunda Guerra Mundial.

---

<sup>147</sup> Charles Robert Richet (1859-1935) é considerado o descobridor da sorologia e foi o vencedor do Nobel de Medicina de 1913. Como bem argumentou Sousa (1995, p. 152), Charles Richet conhecido como “o apóstolo do homicídio eugênico”, somado a Charles Binet-Sanglé (1868-1941) e Karl Binding (1841-1920) formaram uma famosa tríade que, utilizando-se da ciência como alibi, defendia a matança daqueles que não tivessem “valor vital”. Teorias como esta serviram de base para Hitler instituir seu programa eutanásico, de 1939, colocado em prática por Karl Brandt (1904-1948), o qual seria mais tarde executado pelo Tribunal de Nuremberg. Vide, SOUSA, Deusdedith. Eutanásia, Ortotanásia e Distanásia. *Revista Pensar*. Fortaleza, V. 3, Nº 3, p. 150-159, 1995.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seguindo o exemplo da grande maioria das potências europeias, assim como o dos Estados Unidos, desde o final do século XIX as alterações provocadas pelo sistema capitalista no cotidiano das populações mudaram completamente a forma delas lidarem com a produção, o progresso técnico e as mazelas da urbanização, principalmente na vertente profilática. Agindo como verdadeiras autoridades da época, os médicos utilizaram-se dos conhecimentos da Antropologia e da Biologia com o objetivo de compreender e encontrar as melhores soluções para a manutenção não apenas do indivíduo saudável, mas também de toda a nação. Utilizando-se do que mais de meio século mais tarde Michel Foucault (1926-1984) definiria como biopoder, esses intelectuais se tornariam as autoridades portadoras do discurso quase inquestionável do controle biopolítico das populações, interferindo – em muitos casos ancorados diretamente pelos Estados – em práticas que permitiam gerir taxas de natalidade, fluxos de migração, epidemias, aumento da longevidade em políticas de saúde pública, higiene social e até mesmo esterilização. (FOUCAULT, 2008)

De Bombarda a Correia, de A Medicina Contemporânea a Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, as preocupações com a manutenção da profilaxia social por meio de políticas sanitárias e de educação, a importância dos estudos de criminologia ancorados na frenologia e as técnicas antropométricas são as bases epistemológicas do que poderíamos denominar de movimento embrionário eugênico português, o qual percorreria os anos entre 1900 e 1930, período também de consolidação da Antropologia em Portugal.

A preocupação com a degenerescência da população portuguesa, principalmente a partir do Ultimatum britânico de 1890, incendiou o terreno para a aparição de teses de cunho racial, as quais seriam consideradas pelos eugenistas a intervenção direta no desenvolvimento do homem - no caso português, na recuperação do modelo *homo* de um passado nostálgico. Levantaram-se questões relativas à miscigenação, tema abordado por alguns artigos do Trabalhos da SPAE e, também, de acordo com Matos (2012), tema constante de alguns autores portugueses, em especial Mendes Correia, “preocupados com o progresso da população” (IBID, p. 214).

O caso português não deve ser comparado a modelos extremados, como os praticados na Alemanha, Suécia, Inglaterra e Estados Unidos, mas nos abre uma porta valiosa para que

Daniel Florence Giesbrecht

---

possamos entender um pouco mais de como o biopoder esteve atrelado em vários momentos ao cotidiano do país.

Ainda há muito por fazer, pois ao adentrarmos os estudos na década de 1930 novos personagens e políticas serão necessárias para a compreensão desse fenômeno tão intenso que marcou o início do século XX, do qual nos acostumamos a denominar de Movimento Eugênico.

No Brasil, por exemplo, desde 1918 já existia a SESP. Renato Kehl, presidente da *Liga Brasileira de Higiene Mental*, ministraria uma conferência no Porto em 1932 a convite de Mendes Correia, aproximando o intercâmbio não só de trabalhos, mas de influências entre os dois países, firmando a passos largos o caminho para que o professor de Antropologia da Universidade de Coimbra, Eusébio Tamagnini (1880-1972), apresentasse, mesmo que tardiamente em relação as suas congêneres, a fundação da *Sociedade Portuguesa de Estudos Eugênicos*, a qual esteve em atividade até 1974.

Resta ao historiador continuar tentando recuperar esse passado, seus nexos, suas interlocuções e suas possibilidades hermenêuticas, para que possamos entender o que restou desse movimento científico que, mesmo de forma velada, ainda influencia a nossa contemporaneidade.

### ARQUIVOS CONSULTADOS

Arquivo da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (atualmente administrado pela Universidade do Porto).

Biblioteca da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto (FMUP).

Biblioteca da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (FCUP) – Fundo documental Mendes Correia.

### FONTES

BERTRAND, Ernest. Em Portugal. In: **Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia III**, 1926-1928. Porto: SPAE, p. 313-318.

BOMBARDA, Miguel. Eugeneses. **A Medicina Contemporânea**, XIII, 20 de fevereiro de 1910, p. 253-254.

CORREIA, António Augusto Mendes. Renato Kehl – **Bíblia da Saúde** – vol. de 482 páginas. Rio de Janeiro, 1926. In: **Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia III**. Porto: SPAE, 1926-1928.

Daniel Florence Giesbrecht

---

CORREIA, António Augusto Mendes. **Resumo das Lições de Antropologia feitas pelo assistente, servindo de professor de cadeira.** Porto: Imprensa Portuguesa, 1915.

DARWIN, Charles Robert. **On the Origin of Species by Means of Natural Selection, or the Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life.** London: John Murray Albemarle Street, 1959.

GALTON, Francis. **Inquiries into human faculty and its development.** Londres: Macmillan, 1893.

GIUFFRIDA-RUGGERI, Vincenzo. **O Problema Eugênico Segundo a Moderna Genética.** In: **Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia I.** Porto: SPAE, 1919, p. 70-77.

Lista dos membros da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. Porto: SPAE, 1929.

Livro de Actas da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia I. Porto: SPAE, 1918-1924.

RICHET, Carlos. **La selection humaine.** Paris, 1918.

SANTOS JÚNIOR, Joaquim Rodrigues dos. Estudo Antropológico e Etnográfico da População de S. Pedro (Mogadouro). In: **Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia II.** Porto: SPAE, 1924, p. 85-186.

Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia I. Porto: SPAE, 1919-1922.

Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia II. Porto: SPAE, 1923-1926.

Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia III. Porto: SPAE, 1926-1928.

## REFERÊNCIAS

AZEREDO, Paulo Roberto de. **Antropólogos e pioneiros: a história da Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia.** São Paulo: FFLCH/USP, 1986.

BOAS, Franz. **Race, Language and Culture.** Nova Iorque: Macmillan Company, 1940.

BONFIM, Paulo Ricardo. **Educar, higienizar e regenerar: uma história da eugenia no Brasil.** São Paulo: Paco, 2017.

BRINA, Helvécio Lapertosa. **Estrada de Ferro.** Belo Horizonte: UFMG, 1988.

CAMPOS, Álvaro de. **Ultimatum.** Porto: Editorial Cultural, 1951.

CICILLINI, Graça Aparecida. **A História da Ciência e ensino da Biologia.** Ensino em Revista, 2010.

Daniel Florence Giesbrecht

---

CLEMINSON, Richard. *Catholicism, Race and Empire: Eugenics in Portugal, 1900-1950*. **Central European University Press**: Budapest, 2014.

CONT, Valdeir del. O controle de características genéticas humanas através da institucionalização de práticas socioculturais eugênicas. **Scientle Studia**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 511-30, 2013.

CUERVO, Manuel. Evolucionismo, monogenismo y pecado original. **Salmanticensis**. Universidad Pontificia de Salamanca, volumen 1, n. 2. p. 259-300, 1954.

FARIA, Felipe. O neolamarckismo de Edward Drinker Cope e a ideia de progresso biológico no processo evolutivo. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 4, out.-dez. 2017, p. 1009-1029.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população: Curso dado no Collège de France (1977-1978)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GIESBRECHT, Daniel Florence. As Sociedades Portuguesa e Brasileira de Antropologia e Etnologia: distanciamentos, aproximações e conexões do pensamento antropológico luso-brasileiro. **Anuário de Antropologia Iberoamericano**. Madri, 2020. Disponível em <<https://aries.aibr.org/articulo/2020/25/3372/as-sociedades-portuguesa-e-brasileira-de-Antropologia-e-etnologia-distanciamentos-aproximacoes-e-conexoes-do-pensamento-antropologico-luso-brasileiro>>. Acedido em: 10 nov. 2020.

GRESPLAN, Jorge. **Revolução Francesa e Iluminismo**. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

HEGEL, Georg Friedrich. **Fenomenologia do Espírito**. Tradução de Paulo Menezes. Petrópolis: Vozes, 1988.

HOBBSAWM, Eric. **A era do capital (1848-1975)**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1977.

\_\_\_\_\_. **A era dos impérios**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1988.

HOQUET, Thierry. Buffon: histoire naturelle et philosophie. 2002. **(Tese de Doutorado)** – Paris 10.

KUHL, Stefan. **For the Betterment of the Race: The Rise and Fall of the International Movement for Eugenics and Racial Hygiene**. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2013.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. Lisboa: Editora Guerra e Paz, 2009.

KUPER, Adam. **Antropólogos e Antropologia**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

MATOS, Patrícia Ferraz de. Mendes Correia e a Escola de Antropologia do Porto: Contribuição para o estudo das relações entre Antropologia, nacionalismo e colonialismo (de finais do século XIX aos finais da década de 50 do século XX). **Tese de Doutorado**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2012.

Daniel Florence Giesbrecht

---

\_\_\_\_\_. Um olhar sobre as relações entre Portugal e o Brasil a partir da obra de Mendes Correia: desafios, pontes e interações. In: **População e Sociedade: Relações Externas de Portugal**. Porto: CEPESE, 2013.

PATRÍCIO, Miguel. Do Ultimatum de 1890 ao Tratado Luso Britânico de 1891– ensaio de história diplomática. **Revista do Instituto do Direito Brasileiro**, 2013.

PEREIRA, Ana Leonor. **Darwin em Portugal: filosofia, história, engenharia social (1865-1914)**. Coimbra: Livraria Almedina, 2001.

PICHOT, André. **A sociedade pura: de Darwin à Hitler**. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

ROUSSEAU, Jean Jacques. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. In: **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUSA, Deusdedith. Eutanásia, Ortotanásia e Distanásia. **Revista Pensar**. Fortaleza, V. 3, Nº 3, p. 150-159, 1995.

STEPAN, Nancy. **A hora da Eugenia: raça, gênero e nação na América Latina**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

VAQUINHAS, Irene. O conceito de decadência fisiológica da raça e o desenvolvimento do desporto em Portugal (finais do século XIX-princípios do século XX). **Revista de História das Ideias**, p. 369, 1992.

WEGNER, Robert; SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Eugenia ‘negativa’, psiquiatria e catolicismo: embates em torno da esterilização eugênica no Brasil. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, jan-mar. 2013, p.263-288.